

# Smartphone como extensão simbiótica do jornalista: uma reflexão das relações homem-máquina na produção de notícias móveis

Marcio Kaviski<sup>1</sup>

Mônica Fort<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo pretende discutir conceitos da Escola de Toronto, mais especificamente de McLuhan (1964) de que os meios de comunicação funcionam como extensões do homem. Além disso, o trabalho se norteia por pressupostos de Mark Deuze (2013) para formular e debater a relação simbiótica entre jornalista e dispositivo na produção de notícias móveis. A relação entre as teorias configura uma nova maneira de refletir e compreender esse elo entre o profissional de jornalismo e o dispositivo móvel. Conclui-se que devemos pensar essas relações em três esferas distintas: produção (jornalistas), distribuição (conglomerados de comunicação) e meio (dispositivos).

Palavras-chave: Jornalismo Móvel. Smartphone. Simbiose.

## Abstract

The present article intends to discuss the concepts of the School of Toronto, more specifically of McLuhan (1964), that the media function as extensions of man. In addition, the work is guided by the work of Mark Deuze (2013) to formulate and discuss the symbiotic relationship between journalist and device in the production

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná na Linha de Pesquisa de Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais e graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2014). Pesquisador do grupo de pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (INCOM) do PPGCom/UTP. Seus estudos têm ênfase em Jornalismo Digital, Jornalismo Mobile e nas Inovações práticas do Jornalismo. E-mail: marciomorrison@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (1988), graduação em Administração pela Faculdade Católica de Administração e Economia (1989), Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1999) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004), com pesquisa em Mídia e Conhecimento. Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015). E-mail: monicafort@gmail.com.

of mobile news. The relation between the theories is a new way of reflecting and understanding this relation between the professional journalism and the mobile device. We conclude that we must think of these relations in three different spheres: production (journalists), distribution (communication conglomerates) and medium (devices).

Keywords: Mobile Journalism. Symbiotic. Devices.

### Introdução

O uso de *smartphones* tem crescido exponencialmente nos últimos anos e a utilização desses dispositivos nos permite uma infinidade de possibilidades. É comum, em atividades do dia-a-dia, observar pessoas utilizando diferentes tipos de aparelhos eletrônicos durante o convívio social. Essa utilização reflete o que estamos vivendo, pessoas conectadas a todo o momento.

Autores da Escola de Toronto defendem que os meios de comunicação reconfiguram as ações humanas, por isso, é necessário observar as mídias. Considerando que o paradigma midiológico “atribui influência causal ao caráter intrínseco de um determinado meio de comunicação, distinto por sua tecnologia e sua capacidade para transmitir sentidos” (MCQUAIL, 2013, p. 539), é possível associar que a conectividade ininterrupta torna dispositivos como *smartphones* uma extensão do que somos, pensamos, agimos e fazemos. Vale ressaltar que a teoria de McLuhan (1964) acerca dos meios de comunicação como extensões do homem tem sido rediscutida com o avanço das mídias digitais.

Em outra perspectiva teórica, midiatização, Mark Deuze (2013) afirma que o uso contínuo de aparelhos móveis impossibilita que as pessoas enxerguem o mundo a sua volta, permanecendo presas às telas dos dispositivos. O autor ainda aborda que a vida *on-line* é uma extensão da *off-line*, mas que, muitas vezes, as pessoas dão maior ênfase ao virtual, remetendo ao que chama de pessoas “zumbis”. Esses impactos não atuam somente no cotidiano das pessoas, mas também em diferentes esferas da vida em sociedade, como no trabalho, por exemplo. Desse modo, há adaptações tanto na vida privada, quanto em práticas profissionais.

O presente artigo propõe refletir sobre o uso de *smartphones* na construção da notícia e a reconfiguração da prática jornalística dentro e fora do ciberespaço, considerando transformações socioculturais que perpassam a vida dos indivíduos. O

estudo é de natureza qualitativa e emprega a revisão bibliográfica em sua reflexão. Observamos que o trabalho faz parte da pesquisa de dissertação de mestrado do primeiro autor deste texto que estuda a produção de notícias para dispositivos móveis.

### **Reflexão das relações homem-máquina**

É importante compreender que cada suporte de comunicação reconfigura o modo no qual a sociedade está inserida culturalmente e socialmente. Castro (2014), em um panorama sobre os conceitos dos estudiosos canadenses, afirma:

Cada novo meio de comunicação opera profundas transformações nos sentidos, na percepção e, finalmente, na compreensão da realidade. Isso implica reconhecer que o sujeito engendrado pela cultura oral, centrada na escuta, é bastante diferente daquele oriundo da cultura letrada, cujo centro é o olho. No caso da atual cultura multimidiática, caberia investigar as novas configurações subjuntivas advindas de nossa imbricação com os chamados novos meios. (CASTRO, in CITELLI et al, 2014, p. 179)

As mudanças nas manifestações de sentido do homem são um dos pontos defendidos por Derrick de Kerckhove (2015). O compartilhamento de emoções se tornou não somente uma questão exclusiva de relacionamentos *off-line*, mas uma questão habitual no universo *on-line*: “Recorremos à internet e às redes sociais para expressar e compartilhar a indignação, a felicidade, o ódio e a ironia” (KERCKHOVE, 2015, p. 54). O autor ainda defende a existência de um mundo *on-line* no qual nos permitimos expressar emoções intrínsecas, comportamentos repreensíveis, desejos e frustrações em uma velocidade não antes vista e de uma maneira divergente da vida fora do ciberespaço, prezando possíveis repreensões.

A oportunidade de compartilhar milhares de sentimentos *on-line* prende sujeitos e, ao mesmo tempo, parece viciá-los no uso da internet e dos dispositivos móveis, que se tornam necessários para se expressarem o tempo todo e validar seus sentimentos. Os dispositivos tornam-se, portanto, não somente extensões de ação, como o uso de suas ferramentas, mas também, extensões de sentido do que acreditamos e fazemos socialmente.

As ideias propostas por autores da Escola de Toronto foram delineadas durante as décadas de 1950 e 1960 e pressupõem que a tecnologia de comunicação, fundamental à sociedade, “influencia a direção e o ritmo da mudança social” (MCQUAIL, 2013, p. 103). É necessário conhecer e estabelecer relações com alguns dos conceitos delineados pela

Escola para observar como as tecnologias interferem nas relações contemporâneas. Para McLuhan (1964), os meios de comunicação amplificariam as condições humanas. As máquinas poderiam ser entendidas como extensões daquilo que somos e, muitas vezes, ferramentas de auxílio em no nosso dia-a-dia. O alfabeto seria, por exemplo, a extensão da linguagem humana que, posteriormente, foi ampliada e difundida devido aos meios de comunicação de massa.

Leva-se em conta que mídias móveis se tornam o próprio ser ou, pelo menos, materializam-se na questão do ser. Perfis em redes sociais, acessados por aparelhos móveis com o auxílio da internet, são o exemplo mais próximo dessa realidade. Ocorre aqui uma proximidade entre o *on-line* e *off-line*, sendo quase impossível a distinção dos mesmos, tornando-os apenas um híbrido. A utilização dos meios de comunicação móvel, por consequência, está sendo vista, sob esse aspecto, como extensão daquilo que somos, acreditamos e sentimos. Ou seja, as extensões entendidas neste trabalho vão além das questões físicas e materiais.

Assim, considera-se que a internet modificou o modo como a produção jornalística era feita no início do século XXI, ocasionando o surgimento do webjornalismo. O jornalismo passou por três fases distintas até se adaptar as condições exercidas pela *web* – em primeiro momento, os conteúdos do jornalismo impresso eram os mesmos do site, ou seja, ocorria uma transposição de conteúdo; em segundo momento, criaram-se conteúdos exclusivos para a internet, mas com a manutenção de características do jornalismo impresso; e em um terceiro momento, o jornalismo se adaptou às características que a internet proporciona (MIELNICZUK, 2001). Com o advento das tecnologias móveis, o trabalho dos jornalistas de informar tornou-se ainda mais imediato e *in loco*, modificando mais uma vez os processos nos quais as rotinas jornalísticas se desenvolvem.

Raquel Longhi (2014) também analisa a evolução de aproximadamente 20 anos de ciberjornalismo, abordando dois aspectos, o narrativo e o técnico. Para a pesquisadora, o aspecto técnico “está relacionado às ferramentas utilizadas para produção desse tipo de produto noticioso” (LONGHI, 2015, p. 8). Quanto aos aspectos narrativos, divide em cinco momentos, denominados graus. O primeiro, “Grau Zero”, quando não há uso frequente de conteúdos multimídia; depois o “Grau Um”, em que se observam os primeiros produtos multimídia – a autora exemplifica com o jornal *El Mundo.es*; passa então ao “Grau Dois”, com especiais multimídia, por volta de 2002, no *Clarín.com*; no “Grau Três”, “aparecem as **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 19 –29. Jan/Jul 2018.

primeiras *pictures stories*, como *The War after the War*, do *MSNBCcom*” (RAMOS, 2009, apud LONGHI, 2015, p. 8), consolidando o cenário de produção noticiosa multimidiática; o “Grau Quatro” traz características de *design* e navegação fortalecendo a grande reportagem multimídia.

O uso dos *smartphones* tornou-se rotineiro na sociedade. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (2017), em reportagem divulgada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, o Brasil teria até o final do ano de 2017 um celular por habitante. Esse quadro, no entanto, é um reflexo não apenas nacional, mas também internacional. A produção de conteúdo jornalístico, portanto, começou a se preocupar em adaptar-se aos dispositivos móveis. É possível observar o caso da seção *Discover* no aplicativo Snapchat<sup>3</sup>, produções realizadas para consumo exclusivo em *smartphones*.

### **Smartphone como extensão do jornalista**

Conteúdos para dispositivos móveis devem ser pensados em duas perspectivas: consumo e produção. Ou seja, devem ser construídos, imgeticamente e textualmente, para os suportes. Para isso, é necessário também que os jornalistas produzam o conteúdo com o dispositivo, tornando ainda mais ágil e adaptável seu fazer diário.

Ivo Henrique Dantas e Heitor Costa Lima da Rocha (2017) afirmam que conteúdos para dispositivos móveis devem ser repensados visando o momento em que estamos inseridos. “Desse modo, diante das potencialidades viabilizadas pelas novas tecnologias, as mesmas tiveram que ser revisadas, haja visto a readequação ao novo contexto em que estão inseridas” (DANTAS & ROCHA, 2017, p. 64). Essa lógica permite ainda que os consumidores de reportagem jornalística acompanhem ainda mais rápido o modo pelo qual as notícias são produzidas. O que podemos ver, portanto, é uma potencialização da característica de atualização contínua. O jornalista pode compartilhar, no local da notícia, novas informações sobre o fato noticiado.

A diferença entre a atualização contínua do webjornalismo e do jornalismo *mobile* se dá pela possibilidade de utilizar o meio como forma de produção e divulgação do conteúdo. Ou seja, *smartphones* permitem produção, edição e compartilhamento de uma

---

<sup>3</sup> A seção *Discover* no aplicativo Snapchat corresponde a um espaço destinado a 18 veículos de comunicação que produzem conteúdo jornalístico exclusivo para *smartphones*.

forma mais ágil e em um único suporte. Ao contrário do que acontece no jornalismo *on-line* quando não é raro empregar outros suportes no auxílio da construção da reportagem.

Segundo Vivian Belochio, Eugenia Barichello e Tanise Arruda (2017, p. 20), os produtos jornalísticos para dispositivos móveis necessitam de uma atenção singular: “Os aplicativos jornalísticos seguem lógicas peculiares, têm estrutura visual específica e design próprio”. As autoras citam que as reportagens para aparelhos móveis não devem ser simples adaptações, mas pensadas exclusivamente para os *mobile*. Para que essa lógica funcione, obedecendo aos critérios expostos, *smartphones* devem ser vistos por jornalistas como uma extensão em sua prática profissional. Existe a necessidade de o repórter compreender e adaptar-se às diversas mudanças da sociedade, mas será que essa adaptação não seria um primeiro passo para uma prática simbiótica?

O uso dos *smartphones* como extensão de jornalistas pode provocar uma dependência na utilização dos dispositivos na cobertura de informações. “A onipresença das mídias em geral e da mídia móvel, em articular, produz e reflete novas formas de sociabilidade” (DEUZE, 2013, p. 115). Muitas vezes, ainda segundo o autor, não percebemos que estamos expostos às mídias nas mais diversas formas, essa relação entre mídia-sociedade pode ocasionar o fenômeno zumbi.

Esse uso intensivo e imersivo pode ser visto como nossa transformação em viciados impotentes, escravos das máquinas – zumbis. Nós somos zumbis no sentido em que sucumbimos acéfalos ao chamado de nossos aparelhos; somos zumbis porque usamos as mídias de modos que apagam nossas distinções como indivíduos; gravamos e remixamos a nós mesmos e uns aos outros com as novas tecnologias e nossa sociedade se zumbifica enquanto navegamos por ela – voluntariamente ou involuntariamente – aumentada por tecnologias de virtualização. (DEUZE, 2013, p. 114).

Tal proposta teórica vai além da exposta por McLuhan no início da década de 1960. Enquanto o pensador canadense propôs os meios de comunicação como extensões do homem, Deuze afirma que existe uma simbiose na relação entre mídia e homem. Essa convivência entre homem e máquina ocorre no momento em que não há mais distinções nas relações entre sujeito-objeto. Ou seja, as transformações em um podem gerar adaptações no outro.

Os aparelhos celulares estão cada vez mais inseridos nesse contexto e são usados para satisfazer e auxiliar necessidades cotidianas. O vasto número de aplicativos é outro exemplo clássico dessa relação. Com eles, a título de exemplo, é possível citar a

organização de afazeres, cuidados com a saúde e, ainda, produção de conteúdos diversos. Os homens, por outro lado, são programados para se adaptarem às novas tecnologias, como televisores, celulares e outros dispositivos tecnológicos utilizados no cotidiano.

Essa simbiose acontece nas relações e “quando vivemos na mídia, de uma forma ou de outra, nós nos tornamos menos cientes de nossos ambientes, menos sintonizados em nossos sentidos, e, assim mais como autônomos sem vida” (DEUZE, 2013, p. 122). O autor propõe uma reflexão acerca do sentimento em relação à sociedade zumbificada. Para Deuze (2013, p. 125), a condição humana e o ambiente estão interligados a partir do momento em que “a sociedade zumbi na mídia parece uma sociedade na qual vidas são vividas em público, na qual tudo e todos podem ser (e muitas vezes são) monitorados, na qual estamos todos sozinhos e mesmo assim intrincadamente conectados”.

### **Zumbificação da sociedade e do jornalista**

O profissional de comunicação, como parte da sociedade, também está inserido no quadro exposto. O jornalista, por conviver diariamente com mídias no exercício da sua profissão, torna-se alvo ainda mais fácil da zumbificação em sociedade. Esse quadro, no entanto, pode ser observado de maneira positiva e negativa. O fator positivo estaria no funcionamento da simbiose para o jornalista, ou seja, estar em pleno contato com a mídia pode, pelo menos em teoria, favorecer o profissional de comunicação na produção e execução de pautas, uma vez que a relação com a mídia se tornaria plena.

Em tempo de culturas digitais<sup>4</sup>, em que a velocidade da informação é cada vez mais exigida pelos conglomerados de comunicação, usar dispositivos móveis como extensões do trabalho pode acarretar a simbiose entre máquina e profissional. A necessidade e a velocidade estariam nesse quadro como fatores determinantes para que as relações de extensão passassem a se tornar relações simbióticas. O vínculo, no entanto, só ocorre se forem ultrapassadas possíveis barreiras ou obstáculos que estão inseridos no contexto inter-relacional.

---

<sup>4</sup> Mark Deuze entende que a Cultura Digital influencia no mundo on-line e off-line. Para o autor, a cultura digital é criada, reproduzida, sustentada e reconhecida pela comunicação. Além disso, não deve ser vista como uma versão melhorada de outras culturas midiáticas. As culturas midiáticas são simultâneas, parcialmente sobrepostas, e têm significados distintos.

Portanto, existem ainda fatores negativos para quem está inserido nessa simbiose. O primeiro deles está na dificuldade do distanciamento entre máquina e homem. Como profissional da comunicação, divulgar fatos a qualquer momento e circunstância pode causar ao jornalista uma complicação na desconexão de suas funções e, até mesmo, na necessidade do dispositivo para toda cobertura noticiosa. Em segundo lugar, apontam-se aos conglomerados de mídia – empresas que possuem mais de um veículo ou outra atividade profissional-mercadológica ligada aos meios de comunicação – como outro fator complicador.

A concentração dos meios de comunicação não é uma novidade (CASTELLS, 2015). O controle oligopolista reflete dominância sobre espaços de comunicação. Conglomerados de mídia seguem ideologias e linhas editoriais pré-definidas: “A produção dessa informação, bem como sua circulação, não acontece de forma livre e democrática. Há várias forças em jogo que fazem da comunicação uma ferramenta de manipulação social” (SILVA, 2008, p. 124). Assim, indicar como grandes organizações entenderiam e, até certo ponto, se aproveitariam da relação simbiótica entre homem e dispositivo é arriscado, pois há fatores econômicos e posições editoriais que interferem nas relações de produção.

Um terceiro ponto está no modo de distribuição dessas mídias resultantes da relação mútua entre jornalista e máquina. Apesar do caminho mais fácil e ágil ainda ser a distribuição pelo próprio dispositivo móvel, como acontece em muitas mídias de *Stories*<sup>5</sup>, como o Instagram, na maioria das vezes os produtos resultantes das simbioses ainda passam por editores, pós-produção, entre outras etapas, quebrando a possibilidade de utilizar apenas um dispositivo para a realização dos conteúdos.

### **Considerações finais**

Compreende-se que a utilização dos meios de comunicação como extensões do homem leva ao que Mark Deuze (2013) chama de zumbificação da sociedade. Essa tendência também aponta as práticas profissionais, uma vez que a dependência homem-*smartphone* tem sido observada no dia-a-dia. A relação simbiótica jornalista-dispositivo móvel de comunicação, por exemplo, já é realidade. Assim, pensamos nessa interação

---

<sup>5</sup> *Stories* é entendido neste trabalho como uma forma de interação entre usuários por meio de vídeos e fotos, quando são compartilhados momentos com períodos duráveis de tempo, ou seja, que não irão se manter na rede eternamente.



em três esferas: a de produção (jornalistas), a de distribuição (conglomerados de comunicação) e de meio (os próprios dispositivos). É necessário, no entanto, a superação de eventuais obstáculos causados pelas próprias relações. Em primeiro lugar, a dependência do dispositivo na prática profissional.

O jornalista deve produzir conteúdo sem a obrigatoriedade do uso do aparelho móvel. Em um segundo momento, é necessário analisar conglomerados de comunicação a partir das empresas que os compõem, seus interesses econômicos e gerenciais, suas linhas editoriais e seus posicionamentos político-ideológicos, que podem interferir o fazer jornalístico. A terceira questão a ser considerada é a distribuição de conteúdos, uma vez que o compartilhamento não é feito unicamente por meio de aparelhos *mobile*.

Os aparelhos móveis têm se tornado ferramentas importantes na produção de notícias, isso porque amplificam as potencialidades de profissionais da área de comunicação. É importante, porém, que a simbiose jornalista-dispositivo possa facilitar o modo de produção jornalística, tornando-o mais ágil e prático e favorecendo o público na obtenção de informações relevantes e imediatas, com apurado senso de notícia. Essa possibilidade parece ser mais viável a mídias alternativas, jornalismo colaborativo e produções fora de conglomerados comunicacionais. Permitindo, assim, a simbiose plena, ou seja, sem amarras entre profissional e dispositivo. Vale ressaltar que as inter-relações merecem ainda mais atenção de pesquisas na área de comunicação, já que, o crescimento exponencial de mídias móveis modifica estruturas sociais que são importantes para as Ciências Sociais Aplicadas.

## Referências

Até o fim de 2017, Brasil terá um smartphone por habitante, diz FGV. **Jornal O Estado de S. Paulo** (Estadão). Disponível em: <[goo.gl/Pf47YE](http://goo.gl/Pf47YE)>.

Belochio, V.; Barrichello, E.; Arruda, T. (2017). Aplicativos autóctones em franquias jornalísticas: a possível transformação de rotinas produtivas na convergência com meios digitais. In: **Jornalismo Móvel: linguagens, gêneros e modelos de negócio**. Canavilhas, João; Rodrigues, Catarina. LabCom, Covilhã.

Castells, M. (2015). **O poder da Comunicação**. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra.

Castro, G. G. da S. (2014). Escola de Toronto. In: **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. Citelli, A.; Berger, C.; Baccega, M. A.; Lopes, M. I. V.; França, V. V. (orgs). Contexto, São Paulo.

Dantas, I. H.; Rocha, H. C. L. (2017). Dispositivos móveis na construção da notícia: a experiência do portal regional NE10. In: **Jornalismo Móvel: linguagens, gêneros e modelos de negócio**. Cabvilhas, J.; Rodrigues, C.. LabCom, Covilhã.

Deuze, M. (2013). **Viver como um zumbi na mídia** (é o único meio de sobreviver). Matrizes. N 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/478/pdf>>

Kerckhove, D. (2015). **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. Matrizes. V 9, N 1, jan./jun. 2015. p. 53-64.

Longhi, R. R. (2015). A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo. **6º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo**, Campo Grande, UFMS.

Marcellino, M. M. K. (2017). Uma análise comparativa entre as notícias do site e da plataforma Discover do Snapchat da CNN. **Intercom: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba.

McQuail, D. (2013). **Teorias da Comunicação de Massa**. 6. Ed – Porto Alegre: Penso, 2013.

McLuhan, M. ([1964] 2005). **Os meios de comunicação como extensões do homem: understanding media**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix.

Mielniczuk, L. (2001). Características e implicações do jornalismo na Web. In: **Congresso da Sopcom**, 2. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.

Silva, D. M. de L. (2008). **Globalização, comunicação e democracia: dos conglomerados ao ativismo de mídia**. Logos 28: Ano 15, 1º semestre de 2008, p. 124-131.

Recebido em: 19/04/2018

Publicado em: 13/06/2018